AIDA
CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA DO DISTRITO DE AVEIRO

AIDA CCI faz inquérito para avaliar o impacto da pandemia no 3º trimestre de 2020

67,5% das empresas do Distrito de Aveiro preveem, até ao final do ano, um impacto negativo no seu volume de vendas

A AIDA CCI – Câmara de Comércio e Indústria do Distrito de Aveiro tem, desde o início da pandemia, procurado acompanhar e aferir o impacto que esta tem tido nas empresas e na economia da região, desenvolvendo múltiplas atividades entre as quais a elaboração de inquéritos ao tecido empresarial.

Segundo Fernando Castro, Presidente da AIDA CCI *"Desde o início que houve uma preocupação em apoiar e acompanhar as empresas neste processo difícil, recolhendo informação atualizada e credível sobre a atual situação empresarial e assim facultar às entidades públicas competentes dados que permitam a criação de medidas mais ajustadas às reais necessidades das nossas empresas"*.

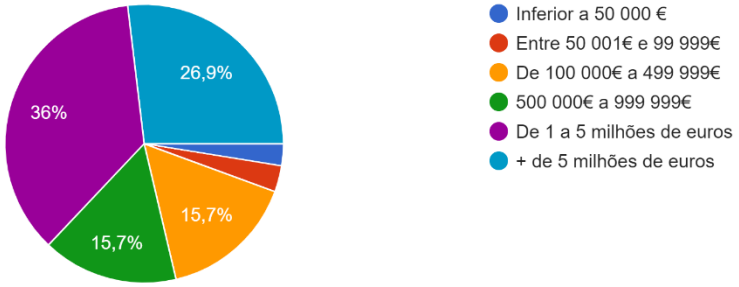
Segundo a AIDA CCI, os empresários têm tido um papel muito ativo ao disponibilizarem informação fundamental que permite conhecer a realidade económica das empresas.

Foram realizados cinco inquéritos (com um total de 1718 respostas online), em que o último, dirigido aos decisores empresariais, teve como objetivo recolher informação relativamente ao 3º trimestre (julho, agosto e setembro) do corrente ano.

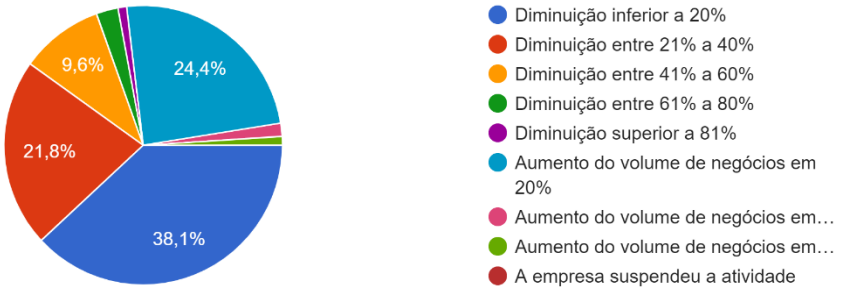
Na realização deste último inquérito foram questionadas empresas ligadas a todos os sectores representativos do distrito de Aveiro, nomeadamente, da indústria metalomecânica, máquinas e ferramentas, automação industrial, e setores automóvel, alimentar e bebidas, moldes, mobiliário, cerâmica, calçado, comércio, serviços e outros.

A maioria das empresas que responderam são micro e pequenas empresas (que empregam menos de 50 trabalhadores), representando 73,6% do total das respostas.

Impacto no volume de negócios



Relativamente ao volume de negócios, 36% das empresas responderam terem um volume de negócios entre 1 a 5 milhões de euros e 26,9% com mais de 5 milhões de euros. Apenas 2,5% referiu que o seu volume de negócios é inferior a 50 000€.



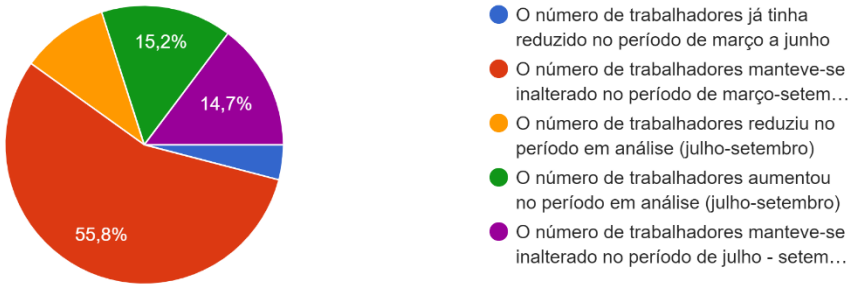
Relativamente ao impacto provocado pela pandemia para o período em análise, 68,5% dos inquiridos referiram ter existido uma redução no volume de negócios, 24,9% não sentiram qualquer impacto e apenas 7,9% disseram aumentado o volume dos negócios.

Em termos percentuais, para o período entre julho e setembro, a diminuição no volume de negócios foi inferior a 20% para 38,1% das empresas respondentes, 24,4% respondeu que aumentou o seu volume de negócios em 20% enquanto para 21,8% das empresas se verificou uma diminuição entre 21% a 40%; 9,6% referiram que o seu volume de negócios teve uma quebra entre 41% a 60%, para 2,5% a quebra foi entre 61% a 80% e para 1% a diminuição foi superior a 81%.

Relativamente a subidas no volume de negócios, apenas 1,5% referiram que o seu volume de negócios aumentou em cerca de 40% e 1% informou ter tido um aumento em mais de 60%.

Quanto às expectativas dos empresários para o 4º trimestre, 67,5% dos empresários referiram esperar, até ao final do ano, uma redução no seu volume de negócios e apenas 6,6% esperam aumentar os seus negócios; 25,9% não perspetivam quaisquer alterações.

Impacto nos recursos humanos



Em julho de 2020 existiam 9 374 trabalhadores com contrato de trabalho, distribuído pela seguinte tipologia de empresas: cerca de 72% desses trabalhadores estavam concentrados em Pequenas e Médias Empresas, os restantes encontrava-se distribuídos pelas grandes empresas (24%) e micro empresas (4%).

À questão de como evoluiu, nos últimos 3 meses, o número de trabalhadores, mais de metade dos inquiridos (55,8%), referiram que o número de trabalhadores se manteve inalterado no período entre março e setembro e 15,2% referiram que o número de trabalhadores aumentou no período entre julho e setembro (período em análise).

Para 14,7% das empresas, o número de trabalhadores manteve-se inalterado entre julho e setembro, enquanto 10,2% referiram que reduziu e 4,1% referiram que o número de trabalhadores já tinha reduzido entre março a junho.

Assim, no período de julho a setembro verificou-se uma redução de 20 trabalhadores no total das empresas inquiridas**.**

Quanto às previsões para o período de outubro a dezembro, a grande maioria das empresas (73,6%) referiu que perspetiva manter o número de trabalhadores; 17,8% preveem um aumento e 9,1% consideram vir a reduzir.

Quanto à questão do teletrabalho, 78,2% das empresas que responderam referiram não terem trabalhadores em teletrabalho. As PME (72%) são as que possuem mais trabalhadores neste regime de trabalho. Algumas empresas referiram estar em *layoff* parcial e outras em regime misto.

Impacto sobre a atividade da empresa

Relativamente à situação que melhor descreve o impacto na atividade das empresas no momento da resposta a este inquérito, 64,4% das respostas referiram que mantém a sua atividade a 100% com aplicação do Plano de Contingência.

Para 10,7% dos empresários a sua atividade com atendimento ao público mantem-se a 100%, enquanto 10,2% refere manter-se a 100% mas sem atendimento ao público.

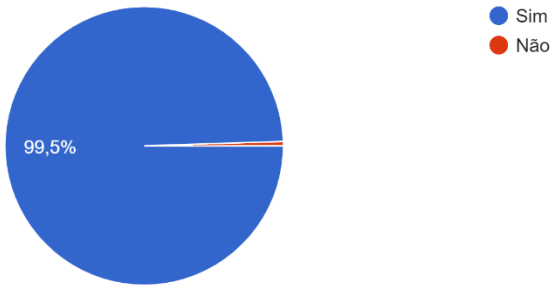
Para 10% dos inquiridos a sua atividade mantem-se embora parcialmente.

Quanto à suspensão da atividade a grande maioria das empresas referiu que o mês de junho foi o mais problemático.

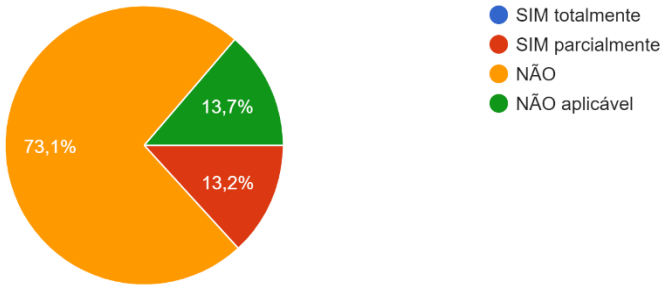
Importa igualmente referir que ainda existem empresas que, desde junho a setembro, têm a sua atividade suspensa.

Quanto à questão "*Quando prevê que a atividade da sua empresa volte à normalidade*", 41,6% dos empresários referiram não ter qualquer previsão sobre quando a empresa poderá voltar à normalidade, 23,4% preveem voltar à normalidade entre 12 a 24 meses, 15,7% dentro de seis meses, 9,1% consideram que até ao final do ano poderão voltar à normalidade.

Ainda durante o mês de outubro 7,1% das empresas perspetivam voltar à normalidade, enquanto 2,5% referiram que poderão voltar à normalidade daqui a 2 anos e 1,5% referiram que já não voltarão à normalidade



Quanto à manutenção da atividade para 2021, a quase totalidade das empresas respondeu que no próximo ano prevê manter a sua atividade em funcionamento.

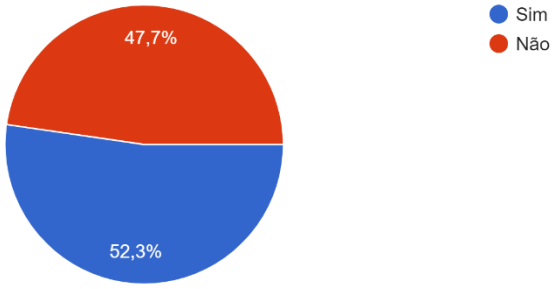


Para o período em análise e devido à pandemia, algumas empresas tiveram de ajustar, modificando e diversificando a sua atividade.

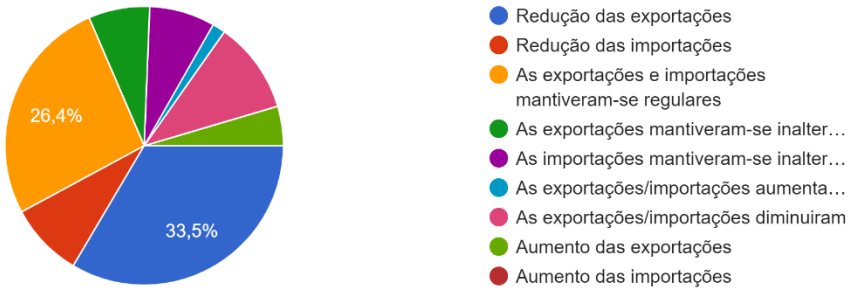
Da análise das respostas obtidas constata-se que 13,2% das empresas responderam terem modificado e/ou diversificado parcialmente a sua atividade, tendo esta ocorrido essencialmente nas seguintes áreas: introdução de novos produtos, diversificação de modelos; novos clientes; produção de EPI'S e alterações ao processo de venda.

As empresas que foram obrigadas a encerrar a sua atividade apresentaram dois motivos principais: problemas na cadeia de fornecimento e ausência de encomendas/clientes.

Impacto nas matérias-primas, exportações e importações



Mais de metade das empresas inquiridas (52,3%) referiu ter sentido interrupções e dificuldades no acesso às matérias-primas essenciais ao desenvolvimento da sua atividade.

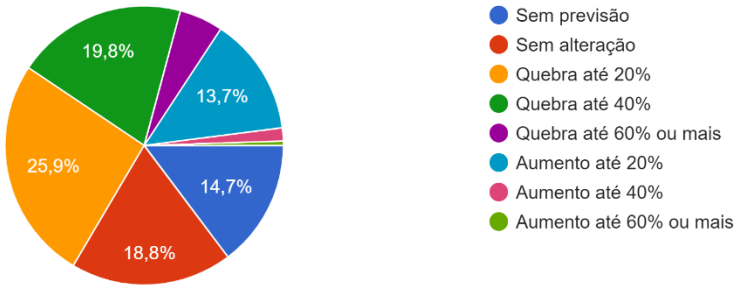


Relativamente ao impacto sentido pelas empresas quanto às exportações e/ou importações para o período em análise (julho-setembro), 33,5% dos inquiridos tiveram uma redução nas suas exportações, mantendo-se quer as exportações quer as importações inalteráveis para 26,4% dos empresários.

Para 10,7% das empresas, as exportações/importações diminuíram; 8,6% dos que responderam referiram que a suas importações baixaram, enquanto para 7,6% das empresas as importações se mantiveram inalteradas.

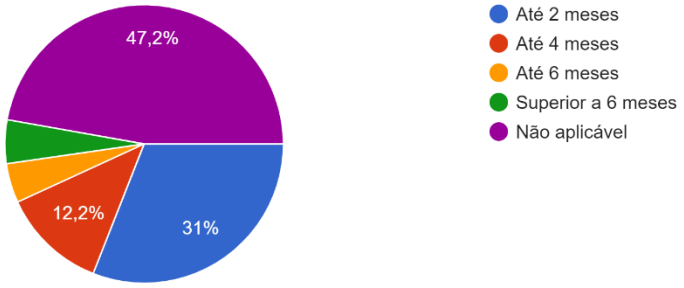
7,1% dos respondentes referiram que as exportações se mantiveram inalteradas, mas para 4,6% dos empresários as exportações aumentaram durante o período em análise. As exportações e importações (em simultâneo) aumentaram para 1,5% dos inquiridos

Quando comparadas as vendas com o período homólogo do ano anterior, 31,5% das empresas referiram que foi durante o mês de agosto que registaram o mais baixo volume de vendas, verificando-se uma tendência de melhoria no mês de setembro; 14,7% das empresas referiram que as vendas se mantiveram regulares, enquanto para 11,2% dos inquiridos estas foram superiores ao ano anterior.



Quando questionados sobre as previsões das vendas até ao final do ano, 25,9% preveem uma quebra até 20%; uma quebra até 40% é apontada por 19,8% dos inquiridos e 5,1% preveem uma quebra de 60% ou mais. 18,8% referiram não prever existirem alterações, 14,7% não tem quaisquer previsões e um aumento das vendas até cerca de 20% é apontado por 13,7% das empresas.

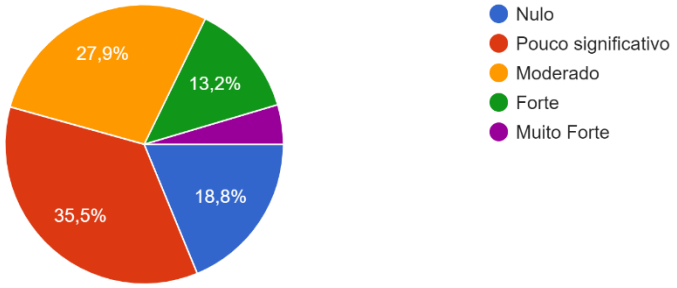
Apenas 1,5% perspetiva um aumento de vendas até 40% e 0,5% prevê um aumento de 60% ou superior.



Ao nível das encomendas 31% dos empresários referem terem assegurada a produção para 2 meses, 12,2% até 4 meses, 4,6% até 6 meses e 5,1% têm encomendas para mais de 6 meses.

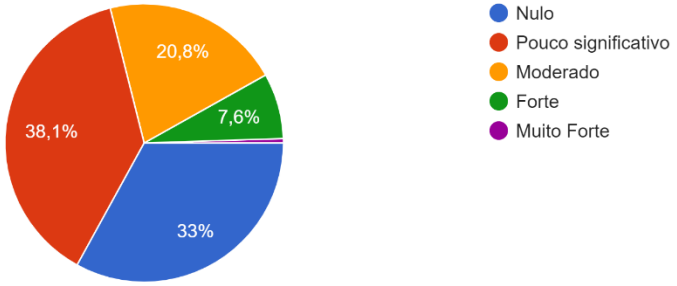
Quando confrontados com a questão "*Se até ao final do ano não atingir um volume de faturação compatível com o normal funcionamento da empresa, que estratégia pretende aplicar*", 54,82% dos inquiridos referiram que terão de procurar novos canais de venda/distribuição, 28,43% perspetivam reduzir os custos internos de produção ou a prestação de serviços, 8,63% terão de reduzir o número de trabalhadores, 2,03% modificarão a atividade e também 2,03% serão obrigados a fechar a atividade.

Impacto do COVID-19



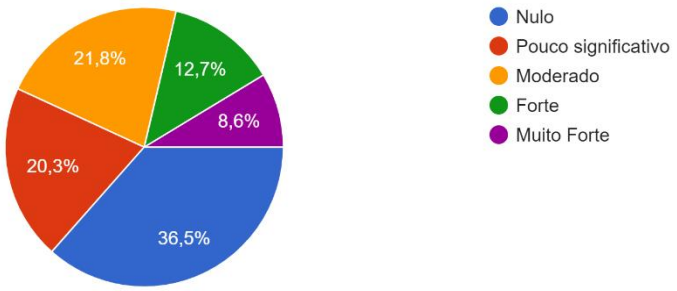
Quando questionados sobre o impacto do COVID-19 na capacidade produtiva, 35,5% dos empresários responderam ser pouco significativo, para 27,9% o impacto foi moderado, 18,8% responderam que não teve qualquer impacto.

Porém, 13,2% dos inquiridos responderam que o impacto foi forte, enquanto para 4,6% dos empresários este foi muito forte.

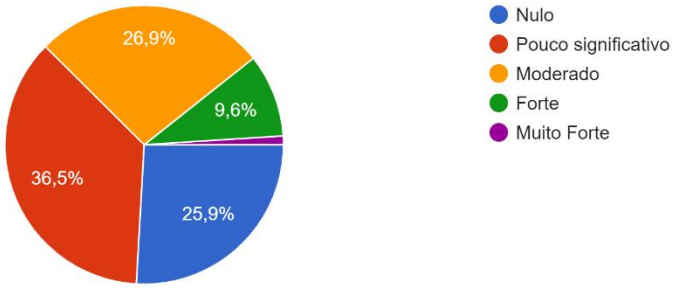


Por outro lado e ao nível, da modernização tecnológica, 38,1% dos empresários referiram que o impacto foi pouco significativo, enquanto para 33% este foi nulo.

Ainda no seguimento das respostas a esta questão, 20,8% considera que o impacto foi moderado, 7,6% foi forte e uma percentagem muito pouco significativa (0,5%) referiu ter sido muito forte.

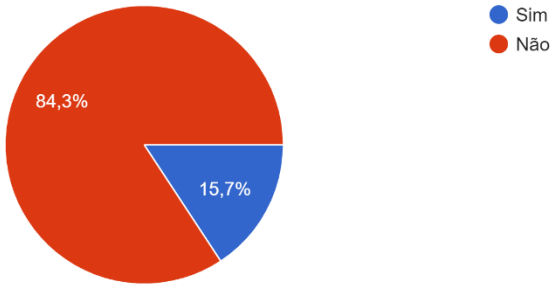


Já ao nível da internacionalização, 36,5% referem que não sentiu qualquer impacto; este foi pouco significativo para 20,3% e moderado para 21,8% dos empresários. Mas 12,7% referiram que o impacto foi forte e muito forte para 8,6% dos respondentes.



Quanto ao impacto do COVID-19 nos recursos humanos da empresa, a grande maioria dos inquiridos (63,4%) referiu que o impacto foi pouco significativo ou moderado, para 25,9% foi nulo e para 10,7% foi forte e muito forte.

Utilização de canais digitais

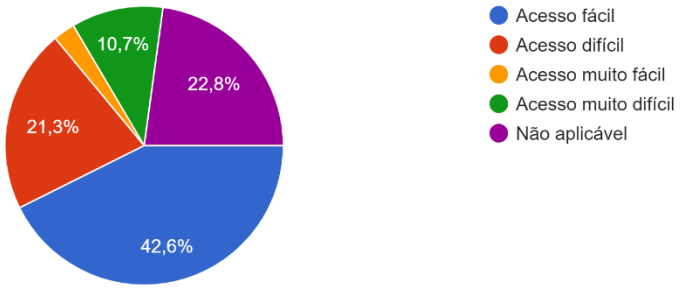


Quanto questionadas sobre se nos últimos meses a empresa teve um crescimento da sua atividade nos canais digitais/online, a grande maioria (84,3%) respondeu que não recorreu à sua utilização.

Medidas de apoio no âmbito do COVID-19 e grau de acessibilidade

No que diz respeito às Medidas de Apoio lançadas pelo Governo para minimizar o impacto do COVID-19 nas empresas, 37,6% dos inquiridos responderam ter recorrido ao l*ayoff* simplificado, 16,2% às Moratórias ao pagamento de juros e capital de crédito já existentes, 9,1% recorrerM a Linhas de Crédito, para acesso a novos financiamentos com juros bonificados ou com garantias de Estado.

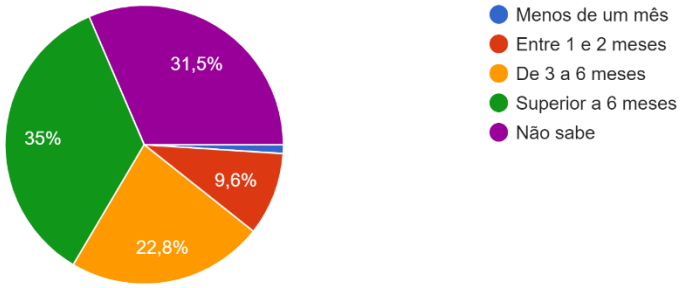
Aos apoios à segurança social, à retoma Progressiva e às Medidas fiscais (diferimento de impostos e obrigações fiscais), recorreram cerca de 7% dos inquiridos; 28,93% não recorreu a qualquer das medidas de apoio.



Quanto ao grau de acessibilidade a essas medidas, 42,6% consideraram que o acesso foi fácil e muito fácil para 2,6%. Para 32% dos empresários o acesso é difícil e ou muito difícil.

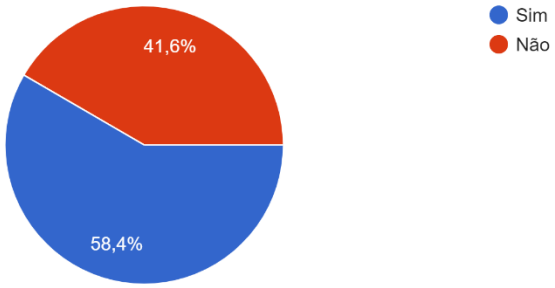
Quanto ao tempo que as empresas levaram para receber os incentivos solicitados, 27,4% referiram que foi entre 15 a 30 dias, enquanto 26,9% das empresas só receberam o incentivo depois de 30 dias.

Por outro lado, 80,7% das empresas referiram que não perspetivam recorrer, até ao final do ano, a medidas de apoio e apenas 27,4% referiram poder vir a recorrer ao *layoff*.



Na ausência de medidas adicionais de apoio à liquidez, as empresas foram questionadas relativamente ao período de tempo que poderão permanecer, nas circunstâncias atuais, em atividade. Para 35% dos empresários as previsões apontam para um prazo superior a 6 meses, 22,8% de 3 a 6 meses e 10,7% as expetativas vão para um período entre menos de um mês e entre 1 a 2 meses

Financiamento



Relativamente à questão se a empresa tem financiamento próprio ou acesso a fontes alternativas/externas de financiamento para ajudar na recuperação dos negócios, 58,4% respondeu positivamente.

Quanto às estratégias apontadas pelas empresas e que estão a ser delineadas para sair da crise assentam sobretudo em cinco eixos:

- Diversificação de produtos e atividade
- Diversificação de clientes e de mercados
- Diminuição do número de trabalhadores
- Novas formas de venda
- Recurso ao crédito.